

A DISLEXIA E AS EXPERIÊNCIAS COM O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: NARRATIVAS MATERNAS

Edivan Bronel Correa - UNIVAG
Edywilson Lopes da Mata - UNIVAG
João Dulcídio Boaventura - UNIVAG
Silvio Benhur de Paula Filho - UNIVAG
Wellinton Pompilho Mendonça Furtado - UNIVAG
Talita Ferreira Biedrzycki - UNIVAG

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco aproximar a temática da dislexia à área da Educação Física, estabelecendo como objetivo analisar as experiências da criança disléxica com o movimento na infância a partir das narrativas maternas. A pesquisa se caracteriza como qualitativa do tipo narrativa e foi realizada com cinco mães de crianças entre 8 e 12 anos com dislexia e uma já adulta atualmente. Utilizou-se a entrevista em profundidade para registro das narrativas maternas das participantes. A análise de dados da pesquisa foi realizada de acordo com a interpretação subjetiva do discurso das participantes a partir do registro e apresentação das falas, mediado pela literatura científica sobre o tema. Como resultado, as narrativas trouxeram elementos que não só aproximaram a Educação Física da dislexia, apontando algumas dificuldades de ordem motora, como também de socialização presente no contexto dessas crianças, como também fez-nos refletir e pensar nas contribuições sobre como a área da Educação Física, pode, de fato, auxiliar a criança disléxica e sua família, juntamente a outros profissionais envolvidos, numa perspectiva multiprofissional tão incipiente ainda no contexto da Educação Física.

Palavras-chave: Dislexia. Educação Física. Narrativas Maternas.

INTRODUÇÃO

A literatura mostra que as pessoas com dislexia possuem um distúrbio neurológico que afeta o funcionamento do cérebro criando dificuldade no processamento linguístico relacionado à fala ocorrendo falha na conexão cerebral, assim, ocorre a dificuldade para associar grafema (símbolos, letras) e fonema (sons que elas representam), podendo ampliar essas dificuldades para o discernimento entre o que é esquerda e direita e dificuldades de deslocamento lateral, por exemplo (FRANK, 2003). Contudo, deve-se considerar as particularidades, entendendo que cada caso é um caso (já que existem crianças que possuem dificuldade na fala e outras não, assim como algumas que apresentam desordens na coordenação motora e outras não).

Para Cabussú (2009) a dislexia, por ser um transtorno de origem neurológica, pode acompanhar o sujeito ao longo de sua vida. Sendo assim, é possível pensar nas inúmeras crianças que sofrem com os vários sintomas do transtorno devido à falta de diagnóstico ou até mesmo pelo desconhecimento dos pais ou ainda a vergonha de assumir a condição de seus filhos durante a infância ou adolescência. Ainda que não seja um tema enfatizado pela Educação Física, é sensato começar um movimento crítico-reflexivo para aproximar essas áreas e esses profissionais em prol das inúmeras pessoas que sofrem com o diagnóstico tardio ou equivocado.

Alguns dos sintomas podem ter relação direta com as aulas de Educação Física ou de atividades físico-esportivas, por exemplo, para lanhez e Nico (2002), Jardini (2003) e Frank (2003) a dificuldade com os sons das palavras, principalmente com rimas, aliterações e soletração; dificuldade na organização sequencial, temporal e espacial e dificuldade na orientação direita-esquerda. Diante disso, há de se pensar no sofrimento das crianças com dislexia em atividades cantadas na Educação Infantil em que se trabalham com rimas, sons e movimentos corporais totalmente sincronizados e esquematizados (“cabeça, ombro, joelho e pé...joelho e pé...” – “o sapo não lava o pé...não lava porque não quer...” dentre outras rimas e músicas de roda cantada).

Além disso, a maioria de jogos pré-desportivos e mesmo nas brincadeiras que ocorrem em aulas de Educação Física Escolar e em demais espaços esportivos, quase todos envolvem orientações direita-esquerda, memorização de números e palavras em muitas dessas brincadeiras e organização espaço-temporal.

[...] O que é possível relatar é que as crianças com dificuldades de aprendizagem possuem um “baixo desempenho inesperado”. Ou seja, não se pode afirmar com resultados conclusivos ainda, porém, muitos já são os relatos publicados em estudos da área com depoimentos de professores de Educação Física afirmando que muitas crianças com dislexia também apresentam algumas dificuldades de coordenação motora ou dificuldades de identificação espaço-temporal. (SMITH; STRICK, 2001, p. 17).

Posto isso, o objetivo do estudo foi analisar as experiências da criança disléxica com o movimento na infância a partir das narrativas maternas, entendendo a importância que os pais e o acompanhamento destes na vida de seus filhos, têm para um trabalho mais efetivo e multiprofissional com a ajuda da Educação Física. Sendo assim cabe a nós, não limitar os espaços onde a criança com dislexia possa estar e sim temos que criar condições para que ela seja protagonista de sua vida e suas escolhas.

METODOLOGIA

Este é um estudo qualitativo com enfoque na pesquisa do tipo narrativa que, nestes termos, orienta-se aqui a ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana, um estudo de histórias vividas e contadas, um processo dinâmico de viver e contar histórias. (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

A pesquisa apresenta cinco narrativas maternas sobre as experiências (positivas e/ou negativas) com o movimento de seus filhos com dislexia (entenda-se aqui o movimento como quaisquer experiências físico-esportivas ou lúdicas, seja na escola ou fora dela). Essas mães participantes foram convidadas a partir de alguns encontros e reuniões em que os participantes estiveram presentes na Associação Mato-Grossense de Dislexia.

Os instrumentos para coleta de dados foram os diários de campo dos pesquisadores e um roteiro de entrevista não estruturada para as mães, de modo que as perguntas não engessassem ou constrangessem às mães durante a entrevista em profundidade.

Para analisar as respostas foi realizada uma análise interpretativa do discurso materno, o processo pelo qual se identifica padrões e características especiais nas mensagens de maneira sistemática e objetiva (NICOLACI-DA-COSTA, 2007). E após essa etapa, categorias temáticas foram criadas para apresentar os pontos relevantes da fala das mães que podem indicar as experiências positivas e negativas dos indivíduos com dislexia durante a infância.

RESULTADOS

Os resultados foram organizados a partir de temas-chave advindos das narrativas maternas e, a partir da apresentação dos principais pontos das falas das mães, sendo eles: - *O nascimento de um novo mundo – descobrindo a dislexia*; - *A dislexia e o movimentar-se – a Educação Física entra em cena* e; - *Vozes maternas – o grito que não quer calar*.

Para este texto, apresentamos o recorte voltado para os resultados sobre a dislexia e o movimento no contexto da Educação Física.

Sabe-se que o desenvolvimento das crianças ocorre segundo ritmos diferentes, por esse motivo, o fato de uma criança não revelar de imediato determinadas capacidades ou certa coordenação motora não significa que estas não se manifestem mais tarde (KATHLEEN, 2003).

Em depoimento, a M1 (mãe 1) relata que logo de início o filho não se adaptou ao futebol o que gerou uma frustração grande de ambas as partes – mãe e filho. Sendo assim, teve início, então, a procura por outra atividade:

Meu filho ama esportes. Antes do esporte, meu filho não conseguia se concentrar nas atividades e o grau de dificuldade de aprendizado era muito alto e só com o início das práticas de atividades físicas é que esse quadro de dificuldades diminuiu gradativamente. Meu filho fez caratê por 3 anos até final de 2016 e só em 2019 passou

a fazer basquete na escola. Atualmente, está em treino funcional com futebol duas vezes por semana. O caratê ajudou bastante principalmente na disciplina e concentração. (M1, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

Segundo Gallahue e Ozmun (2003) a falha ao demonstrar-se competente os leva à tristeza e incerteza. Assim, pais e educadores devem utilizar-se de atividades e situações que proporcionem autoconfiança à criança para que esta adquira um conceito positivo de si mesma.

As crianças, sejam elas disléxicas ou não, querem e precisam se movimentar, mas se não houver o estímulo adequado, as atividades certas e, principalmente, o conhecimento sobre as dificuldades que a dislexia pode trazer para a realização de atividades consideradas para muitos como fáceis ou corriqueiras, é fato que haverá a exclusão dessas crianças e, como consequência, traumas que implicará no protagonismo de sua vida quando adulto.

Mesmo com as dificuldades, meu filho ama esportes. A primeira atividade foi a corrida, ele corria desesperadamente, mas corria destrambelhado, sem foco, não tinha o processo de pé atrás do outro coordenando com as mãos. Se tivesse alguma porta e ele tivesse que passar ele trombava na porta, não tinha noção de espaços Bola??? Ele odiava bola, porque a bola era chutada para ele e passava por ele, não conseguia alcançar, até ele descobrir que parado ele conseguiria pegar a bola quando viesse na sua direção e adquiriu reflexo, então, virou goleiro. E isso é o que ele mais gosta de fazer: jogar futebol, ele é goleiro de futsal, mas também em campo society, mas tem dificuldade de reposição com os pés, têm dificuldade de calcular distância e força sempre joga longe, nunca perto...a exigência é maior. (M2, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

Percebam o relato cheio de aproximações com a Educação Física da M2 (Mãe 2), não é óbvio que somos uma peça importante no desenvolvimento da criança com dislexia? Ela não está falando aqui simplesmente das aulas de Educação Física na escola, mas está falando de uma criança com uma rotina normal de atividades que gosta de praticar esportes, mas que talvez, precise de um profissional qualificado, que compreenda as dificuldades e não deixe de estimular e incentivar usando estratégias corretas de ensino e feedbacks positivos para garantir a adesão e progressão dessa criança na continuidade da exploração de toda uma cultura corporal do movimento.

Tem um agravante, o M.V tem dislexia que é a dificuldade de ler e compreender o que está lendo, disgrafia que é a letra feia ilegível e tem a disortográfica que é escrever palavras com erros, além disso é canhoto, o mundo já não é para canhoto só para o destro as atividades é para destro, as brincadeiras são para destros. (M2, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

A M3 (Mãe 3) declara que o filho gosta da Educação Física, porém não gosta de nada relacionado a competição, pois para ele é muito frustrante e acaba ficando chato, triste, por não conseguir competir no mesmo nível que os outros:

Ele gosta desde que não tenha competição, porque ele já tem a autoestima ferida, geralmente essas crianças já perdem muito, então não é justo pra eles brincarem de competir e perderem, já perdem tanta coisa... No jogo de queimada ele sempre reclama para os professores porque o tempo da bola pra ele é diferente das outras crianças, então ele vai ser sempre o primeiro a ser queimado...e geralmente eles não gostam de futebol, nada relacionado a bola, nada que voa, que vem a direção a eles e isso é comum é um ou outro que não tem esse problema, e a competição que geralmente ele não gosta. (M3, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

Outro ponto de reflexão a partir da fala é o fato de que a Educação Física permite um mundo repleto de possibilidades, para Soares e Marco (2004) é preciso explorar mais do que o futebol na vida dessas crianças, pois a coordenação motora e demais capacidades podem ser trabalhadas a partir de inúmeras atividades, como no caso de outra mãe, em que diz que sua filha se encontrou na equitação:

Ela faz equitação desde os 6 anos, hoje aos 16 anos é atleta semiprofissional de equitação. A equitação ajudou muito na coordenação motora, memória espacial, psicomotricidade e principalmente como estímulo para treinar a superar obstáculos na vida. (M4, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

Os autores ainda ressaltam que: “estes programas motores elaborados pelos profissionais de Educação Física e fundamentados no rico conteúdo desta área possibilitam intervenções, previamente planejadas, para serem desenvolvidos com crianças disléxicas” (p. 24).

Quando falamos em Educação Física e dislexia, muito disléxicos tem muita dificuldade logo de início, em primeiro contato com qualquer modalidade de esporte, a atividade física exige muita coordenação física, e o disléxicos tem dificuldades de identificar direita e esquerda uma coisa simples, a maioria não tem muito sucesso na atividade, e acabam deixando de lado. Minha filha tentou fazer um pouco de tudo, tudo o que você imaginar, tentou jogar futsal, as meninas iam para um lado ela ia para o outro, ela não sabia, não tem muita noção de direita e esquerda, isso eu soube depois, ela tentou fazer handebol, tentou fazer vôlei, partiu para dança também nada, ela era apaixonada por futsal, quando ela estava perto das amigas que não se importavam ela jogava, mas quando chegava na escola não, educação física era uma das matérias que ela não quis. (M5, DEPOIMENTO ORAL, 2019).

Diante dessas falas em relação a aproximação da Educação Física ao universo da dislexia, acreditamos que por mais complexo que ela seja, já ficou claro, não só a necessidade que esses pais e, principalmente as crianças têm, de que cada profissional faça seu trabalho com excelência, além de amor. No caso da Educação Física é capacitar-se diante da dislexia, conhecendo-a, participando de encontros e palestras com as mães e pais das crianças, procurando de fato conhecer para “oferecer” as melhores atividades da melhor maneira possível, metodologicamente falando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítida a importância do movimento na vida dessas crianças, mas, muitas vezes, isso exige algumas capacidades físicas e motoras que eles não são capazes de realizar com destreza e, por causa disso, são excluídos pelos colegas e até mesmo pelos próprios professores ou treinadores.

Essa sensação de impotência diante das atividades corriqueiras da infância pode gerar profunda tristeza e angústia se não forem trabalhadas de forma correta, podendo levar a algum bloqueio na fase infantil e postergar na fase adulta.

Como profissionais, devemos elaborar as atividades para esse fim, mas, só conseguiremos intervir com qualidade se conhecermos mais sobre a dislexia e o processo de construção e desconstrução dela na vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

CABUSSÚ, M. A. S. T. Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. In **Rev. Psicopedagogia** 2009; 26 (81) 476-85.

CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FRANK, R. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books do Brasil; 2003.

GALLAHUE, D.L. & OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos (3ª Ed.). São Paulo: Phorte, 2003.

INHAEZ, M. E, NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. Rio de Janeiro: Elsevier; 2002.

JARDINI, R.S.R. **Método das boquinhãs**: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003

KATHLEEN, Anne Hennigh. **Compreender a dislexia um guia para pais e professores**. Porto: Porto Editora, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(1), 2007.

SMITH, C. R.; STRICK, L. W. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, D; MARCO, A. **Educação física e dislexia**: possíveis convergências. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.